22:25 90%

Opinião do GLOBO

Ondas de calor pressionam o setor elétrico

Técnicos temem que oferta de energia não seja capaz de atender à demanda crescente em 2025

Com os termômetros acima dos 40 °C e a sensação térmica em patamares superiores a 60 °C, o consumo de energia dispara. Apagões se sucedem país afora, e o sofrimento dos moradores da região central de São Paulo, alguns às voltas com mais uma semana de interrupção no fornecimento, é apenas o drama mais recente. Ao mesmo tempo, surge a preocupação com a capacidade de o sistema elétrico resistir ao crescimento de demanda. Neste momento de virada de estação, do verão para o outono, com temperaturas recordes, o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) tem aumentado a previsão de crescimento da demanda de março, um salto próximo de 6% ante o mesmo mês do ano passado.

De acordo com o ONS, todas as regiões consumirão mais energia neste mês em relação a março de 2023: Nordeste, 8,8%; Norte, 8,5%; Sudeste/Centro-Oeste, 5,8%; Sul, 1,5%. No último dia 15, o consumo bateu o recorde do ano, com 102.477 megawatts (MW). Na superfície, a situação parece sob controle. As hidrelétricas respondem por mais da metade da produção de energia, e a geração eólica e solar, somadas, mais de 20%. Não se pode esquecer, porém, que a geração no Brasil continua dependendo de chuva no momento certo, na região certa. As oscilações do clima, que vieram para ficar, não dão uma garantia firme de que isso aconteça.

Com a expansão das fontes intermitentes, a gestão do sistema elétrico brasileiro ficou mais complexa. O risco é o consumo exigir maior participação das usinas termelétricas, encarecendo a conta de luz. Os técnicos não se mostram preocupados com 2024, mas temem por 2025. Não faltará energia, mas é provável que as termelétricas tenham de ser acionadas com mais frequência para preservar os reservatórios das hidrelétricas.

O nível de chuvas não tem sido o ideal. "A previsão para março indica a ocorrência de afluências [*chuvas*] abaixo da média histórica para os subsistemas Sudeste/Centro-Oeste [*o maior do país*], Nordeste e Norte, e acima da média histórica para o subsistema Sul", informou o ONS. O sistema interligado da rede de distribuição é capaz de fazer compensações entre as regiões. Mas há o risco de, no ano que vem, faltar água para produzir no mínimo o atual volume de energia. Em abril começa o período seco, a temporada com menos chuvas que acaba em outubro. Até lá o ONS terá um quadro mais preciso da situação.

"A situação dos reservatórios [*das hidrelétricas*] não é confiável, mas os riscos ainda não são grandes. Por enquanto, a expectativa é de chuva dentro da média, o que não é bom para 2025", diz Edvaldo Santana, ex-diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). De acordo com ele, a temporada chuvosa teria de ser acima da média para compensar a alta do consumo neste verão. Os reservatórios estariam ainda mais baixos, diz Santana, se não fosse a geração eólica e solar.

O parque de termelétricas, ampliado a partir do apagão de 2001, dá segurança ao sistema brasileiro, mas ataca o bolso do cidadão. Racionalizar o consumo seria uma medida razoável. Mas nenhum governo gosta de assustar a população com o risco de apagões. Nem por isso eles têm deixado de acontecer.

Futebol brasileiro ganha com a participação de jogadores estrangeiros

Enquanto país perde craques para Europa, influxo de sul-americanos contribui para melhorar times locais

Os grandes times de futebol que disputam os campeonatos europeus têm se tornado seleções multinacionais em que jogam os maiores craques do planeta. A cada dia também fica evidente que o Brasil, conhecido mercado exportador de talentos, também tem importado jogadores para suprir as necessidades locais. Incapazes de reter no país craques de primeira linha, vários times brasileiros passaram a buscar reforços no mercado sul-americano. Em 2020, a Série A do Campeonato Brasileiro contava com 81 jogadores estrangeiros. Em 2021, a pandemia derrubou esse número para 76, segundo reportagem do GLOBO. Mas em 2022 já eram 103 os atletas de fora. No ano passado, 127.

Os jogadores estrangeiros que atuam no Brasil representam 30 nacionalidades diferentes. A maioria são argentinos, seguidos por uruguaios e colombianos. Isso ocorre porque os clubes brasileiros têm apresentado capacidade financeira para contratar no continente jogadores de qualidade. Outro fator que explica a tendência é o custo crescente do jogador brasileiro. "Não é novidade que vivemos um mercado brasileiro inflacionado, e o fato de termos buscado muitos reforços fora do país é um indicativo dessa viabilidade", diz Alessandro Barcellos, presidente do Internacional. O Inter lidera a lista de estrangeiros em sua divisão de base. Tradicionalmente, elas são a forma mais barata de renovar as equipes principais. Uma atenuante é que essas divisões têm se transformado em fonte de receita ao produzir novas levas de jovens jogadores vendidos para fora do país. Receita que com certeza os clubes desejarão preservar.

As cinco últimas edições da Libertadores foram vencidas por clubes brasileiros, que disputaram entre si três finais do torneio continental. Isso mostra que os estrangeiros têm contribuído para elevar a qualidade do nosso futebol e que, tudo considerado, a globalização fortalece o esporte.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
cartas@oglobo.com.br

MERVAL PEREIRA

blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira
editora: artigos@oglobo.com.br

O STF em seu domínio

Estamos numa situação em que, passada a maluquice de Bolsonaro, já está na hora de dar um passo atrás. Uma linha tênue, num caso desses, é possível poder concordar. Quando o Supremo abre uma porta, e em outras ocasiões passam soluções com as quais não concordamos, é um problema. O Supremo tem que criar padrões que ele mesmo tem que respeitar.

O STF tem que criar um mecanismo que evite conflitos desnecessários. Nos Estados Unidos chamam de rightness, em que a causa não está madura. O país tem uma diversidade de opiniões, e o Congresso reflete isso, é conservador e em determinados momentos retrógrado.

Se você não aceita a decisão do legislador, tem que mudar o legislador. Isto é, muito mudar o Congresso. Senão, no fundo, você não acredita na democracia. Na França, a aprovação do aborto na Constituição teve mais de 80% de votos. Aqui no Brasil, um ministro do Supremo disse em uma palestra que, aqui, nem voto para aprovar uma lei tem.

Em uma discussão elitista, estar convencido de que sabe o que será no futuro. Tenho certeza, por certo, de que, no futuro, todos nós seremos vegetarianos, ninguém vai comer carne, disse um ministro. O Supremo julga de acordo com o caso e a cara do freguês. O ministro da Justiça Ricardo Lewandowski foi a público dizer que a delação premiada vai esclarecer o caso Marielle.

Mas ele, quando ministro do Supremo, disse que as delações eram contaminadas por tortura psicológica. Usou o Vaza Jato no voto, e disse que sabia que não podia. Não foi garantista, mas quando anulou as condenações adotou as do ministro Toffoli. Casuísmo resultado de uma aplicação inadequada do ativismo judicial.

O Supremo tem que criar um mecanismo que evite conflitos desnecessários

Portugal, Espanha, França aprovaram descriminalização da maconha, e o aborto, na Constituição, na frente de muitos estados americanos. Prisões alongadas, como a do tenente-coronel Mauro Cid, eram rejeitadas, mas aceitáveis na Lava Jato.

Isto quer dizer que os ministros do Supremo quererem ter o poder para julgar os políticos no STF.

O Congresso não quer o que o ministro Luís Roberto Barroso sugeriu criar, uma corte especial para os crimes de políticos. Vai criar um super-juiz, e nós vamos fazer o que?, criticaram ministros do STF. Quando criaram o Superior Tribunal de Justiça (STJ) na Constituinte, ficaram contra para não perder o poder. Hoje o STJ tem uma estrutura maior que o Supremo, que antes julgava tudo, e mais o que passou para o STJ.

A escolha do ministro do Supremo virou uma decisão sobre um juiz do tribunal penal político. É garantista, reconhece a política como atuação importante. É conflito de competência interna. Até o algoritmo está desmoralizado. Alguém que estivesse na posição de Bolsonaro, é razoável ser julgado por Moraes? Estaria definido como "Inimizade capital", com toda razão.

Os ministros do Supremo Tribunal Federal não se importam mais com o seu compromisso com os demais tribunais. Isso se importa com as organizações já decisivas. Não é possível que se decida que o resultado seja definido por recibo indefinido.

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://gle.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.
DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Maia, André Vieira da Fábula Barbosa, Luiza Bapteista e Paulo Celso Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz
Rua Marquês do Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 - Tel: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leila Suwiten - leila.suwiten@sp.oglobo.com.br
Saúde: Arthur Dias Lopes - arthur.dias.lopes@sp.oglobo.com.br
Segunda-Cadernos: Marcelo Ribeiro - marcelo.ribeiro@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - andre.sarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Audiência: Gabriela Goulart - gabi@oglobo.com.br
Acervo e Pesquisa: William Fidal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Batista - batista@oglobo.com.br
Rio Show: André Amorim - andre@oglobo.com.br
E.G: Mariana Caruso - mariana@oglobo.com.br
Bairros: Wilter Catrinon Filho - wilterc@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Renato Andrade - renato.andrade@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou, pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades) 0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito ou débito automático em conta-corrente (preço de seguinte ao mês vigente)
Cariocas RJ, MG, SP e ES: R$ 169,90
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 6,00
Demais regiões: RJ, SP, MG e ES: R$ 10,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobranças de multa ou renovação de assinatura. Desconfie de qualquer contato a respeito desses temas. Para ser O GLOBO sem sair da porta de casa, acesse para verificar seu plano: www.oglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 **Classifone** (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de notícias: (21) 2534-5501 Banco de imagens: (21) 2534-5777 Pesquisa: (21) 2534-5202

PUBLICIDADE Notícias: (21) 2534-4300 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4350 Missas, religiosos e Kinders: (21) 2534-4033 Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5150

FSC MIX CREDITS
A marca do manejo florestal responsável
Leia mais e faça pergunta: Carta ao FSC
CARBON FREE